

EDUCAÇÃO

Arquitetura, 5ª do País, faz 30 anos

Curso da UEL comemora a data com a boa colocação no Exame de Desempenho dos Estudantes



Marcos César Gouveia

“Mesmo que Londrina não queira - e Londrina não tem política nesse sentido - ela depende da política da ocupação de solo de Cambé, um pouco de Arapongas e de Rolândia. Esses problemas fogem da autonomia municipal. É um problema regional.”

...
Nestor Razente,
vice-chefe do Departamento
de Arquitetura da UEL



Marcos César Gouveia

“Não há união entre eles [municípios]. Londrina faz o seu [plano diretor], Cambé, Ibiporã fizeram os seus. E como fica a linha limítrofe de cada uma? Como é que você integra? Não tem esse diálogo.”

...
Jorge Marão,
diretor do Centro
de Tecnologia e
Urbanismo da UEL



Marcos César Gouveia
jornalismo@jornaldeiondrina.com.br

>> No ano de seu 30º aniversário, o curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Estadual de Londrina (UEL) está em estado de graça. A razão: ocupa o quinto lugar no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) além de emplacar “quatro estrelas” no tradicional ranking do Guia dos Estudantes, da Editora Abril. As premiações dadas ao curso, professores e alunos são bem vindas, obviamente. Mas para o vice-chefe do departamento, Nestor Razente, isso tudo não pode esconder ou mascarar situações que ainda precisam ser melhoradas. A faculdade em Londrina já formou 1.089 arquitetos e urbanistas.

Razente é da área de planejamento urbano, arquitetura e urbanismo e um dos “pais fundadores” do curso. Segundo ele, nessas três décadas a faculdade não está só preparando profissionais. “Ficamos satisfeitos em ver que nossos alunos saem da universidade não somente com crescimento da técnica, mas também como profissionais éticos.”

O vice-chefe do departamento afirma que o saber é transmitido de uma universidade a outra, aqui e ali, mas formar profissionais éticos, que tenham compromisso social e compromisso com a cidade, é imprescindível no Brasil de hoje. “Se eu tiver que fazer um balanço desses 30 anos, como professor, todo dia participando com pessoas de 18 a 23, 24 anos de idade, vemos que eles são cidadãos e são profissionais. Esta é a mensagem que o curso de arquitetura deu. Tivemos dificuldades? Sim, tivemos, para obter local adequado [para as atividades acadêmicas], incentivar todos os professores a ter pós-graduação



Alunos de arquitetura e urbanismo da UEL em viagem de estudo a Atenas, em julho/agosto

profissionais

Necessidade levou à implantação

A criação do curso de arquitetura e urbanismo respondia à necessidade de formação de profissionais, num período de grande crescimento econômico da região. O então reitor Oscar Alves nomeou, em 1978, uma comissão para estudar a viabilidade do novo curso. Na comissão estavam os arquitetos João Baptista Bortolotti e Helly Bretas.

José Carlos Pinotti assumiu naquele mesmo ano a reitoria e nomeou nova comissão, integrada por arquitetos e professores do curso de engenharia e geografia: Elias Plácido César, João Baptista Bortolotti, José Augusto de Queiroz, José Carani, Alaertes Karoleski, Sergio Bopp e Yoshiya Nakagawara.

O currículo foi elaborado com a participação de outros arquitetos da cidade e do Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento do Paraná, em Londrina. A diretoria do IAB, na época, era constituída pelos arquitetos Francisco Chagas Costa, Nelson Giacomo, Jorge Marão Carnielo Miguel, Everton Sola, Julio Ribeiro, João Bortolotti, Alaertes Karoleski, Luis Maurílio G. Freire, Nestor Razente, José Carlos Spagnuolo, Carlos Sergio Bopp e Corina Ueda.

e fazer carreira universitária. A UEL facilitou muito. Fazendo um balanço lá de trás, a UEL apostou que nós poderíamos ter um bom curso e o resultado

está aí”, diz Razente.

Ano marcante

Jorge Marão Carnielo Miguel, diretor do Centro de Tec-

nologia e Urbanismo (CTU) e professor fundador do curso de arquitetura e urbanismo, diz considerar 2009 um ano marcante. Ele cita a avaliação do Enade. “Ao completar 30 anos, somos hoje o quinto curso nacional de arquitetura e urbanismo. Isso é de uma importância fundamental para todos, porque marcou o momento em que estamos na nossa casa própria [CTU], reunindo agora num mesmo local a engenharia civil, elétrica e arquitetura.”

Marão destaca que o curso está hoje consolidado. “Há problemas, claro. Mas temos condições de trabalho e já sabemos o que fazer para ultrapassar as dificuldades. “Não é mais uma questão de perguntar quais caminhos seguir. Estamos definindo algumas correções no currículo. E também estamos buscando o mestrado em arquitetura. Esse é um sonho antigo. Provavelmente no ano que vem. “Se sair a autorização em março, o mestrado começa em agosto.”

Para arquitetos, faltam à Grande Londrina planejamento e integração

>> Jorge Marão e Nestor Razente dizem que quando se fala em política urbana e integração, a coisa depende de quem está no comando político. Se for uma pessoa sensibilizada com o problema, ela muda, cria estrutura nesse sentido. “O problema é o despreparo dos nossos governantes.”

Segundo os arquitetos e urbanistas, ou há o planejamento integral do município, do urbano ao rural, ou não tem sentido fazer planejamento. E o planejamento tem que estar uma, duas décadas à frente das questões e problemas atuais. “Não que não seja necessário resolver os problemas atuais”, diz Razente. Mas precisa pensar lá na frente e isso não acontece.

O urbanista cita a lei que impede a ocupação de fundos de

vale em Londrina, como exemplo de política correta e feita na época certa. “É um dos poucos acertos no planejamento urbano de Londrina. Tem seus problemas, mas traçou um conceito. Moldou a cidade e é irreversível.”

No debate sobre a metrópole Londrina-Maringá, Razente diz que não existe uma grande cidade. “O mundo é urbano, 80% da população mundial a partir de 2010 estará na cidade; 90% dos brasileiros estão na cidade.” O paradoxo, segundo ele, é que, apesar de 90% da população na cidade, não existe estrutura que resolva os problemas dessa população.

“Alguns dirigentes brasileiros vão à Europa e veem as estruturas funcionando. Aham que aquilo é o máximo, porém, quando chegam ao Brasil parece

que tomam um chá de esquecimento. Essas coisas desaparecem”, diz Razente.

Jorge Marão afirma, referindo-se à região metropolitana, que as cidades que a integram elaboraram individualmente seus planos diretores. “Só que não há união entre eles. Londrina faz o seu, Cambé, Ibiporã fizeram os seus. E como fica a linha limítrofe de cada uma? Como é que você integra? Não tem esse diálogo.” Quando se pensa na região metropolitana, segundo ele, tem que integrar tudo isso. “Você tem um trabalho hoje de transporte urbano, questão educacional, de saúde, que devem ser integrados. Não é mais apenas uma cidade grande.”

Razente diz que o grande chamamento mundial é para o

problema da água. O sistema que abastece Cambé e Londrina é integrado. Em torno de um terço vem do Ribeirão Cafezal, 65% do Rio Tibagi e o resto de poços profundos. No Sistema Cafezal, as nascentes do ribeirão estão em Arapongas, Rolândia e Cambé. E nessas cidades ocorre, segundo ele, uma tendência de urbanização para cima dessas fontes de abastecimento. Ou seja, na captação, o que acontecer a montante afeta todo o sistema. “Mesmo que Londrina não queira - e Londrina não tem política nesse sentido - ela depende da política da ocupação de solo de Cambé, um pouco de Arapongas e de Rolândia. Esses problemas fogem da autonomia municipal. É um problema regional”, diz Razente. (M.C.G.)